

Texto licenciado sob a forma de uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional



## Editorial

Chegamos ao volume 13 número 1 (2024) da *Rebeca* (25), com o dossiê *Cinema e Colonialismo*, editado por Bárbara Bergamaschi Novaes (Universidade Nova de Lisboa), Bruna Carolina Carvalho (Universidade do Porto), Michelle Sales (UFRJ) e Victa de Carvalho (UFRJ), com artigos sobre cinematografias de diferentes países que refletem sobre a permanência de um passado de dominação e exploração no mundo contemporâneo, criando relações assimétricas que precisam ser constantemente enfrentadas, no nível pessoal e coletivo. O dossiê perpassa as várias seções da revista. Além dos nove artigos, ainda há materiais nas seções: *Entrevistas*; *Resenhas*, *Críticas e Traduções* e *Fora de Quadro*. O dossiê recebeu um grande número de submissões, o que aponta para o interesse pelo tema nas pesquisas atuais.

Além dos textos relacionados ao dossiê, temos cinco artigos na seção *Temáticas Livres* e um ensaio na seção *Fora de Quadro*: um artigo em torno da memória em documentários latino-americanos, outro sobre cores e narrativa a partir de um filme estadunidense, e três artigos sobre filmes brasileiros.

No artigo *Trajatórias fugidias: O espaço na busca pela memória no documentário*, a autora, Laís de Lorenço Teixeira, investiga as articulações entre a espacialidade e o trabalho de rememoração em duas obras documentais: *Con mi corazón en Yambo*, de María Fernanda Restrepo (2011, Equador) e *108: Cuchillo de palo*, de Renate Costa (2011, Paraguai). Em ambos os filmes, as diretoras se inscrevem na narrativa e buscam recuperar as memórias de familiares mortos, o que as inserem na história política de seus países. Como as memórias são mobilizadas por mulheres diretoras, o artigo inclui os filmes na tradição do documentário feminista, o que lhes confere outra camada política. Como resultado, a autora conclui que os dois filmes, cada um à sua maneira, constroem os espaços para atualizar, expressar e materializar a memória em seus âmbitos micro e macro, num processo de rememoração pessoal e política.

O artigo *As cores na cinematografia do filme No coração do mar: uma aquarela fotográfica*, de Aline de Caldas Costa e Matheus José Pessoa de Andrade apresenta uma análise das cores presentes na cinematografia do filme *No coração do mar* (2015,



EUA), de Ron Howard. Com direção de fotografia assinada por Anthony Dod Mantle, a cinematografia do filme se caracteriza pela presença de diferentes camadas de cor que são dispostas em um movimento gradativo de matizes e tons que, ao variar conforme o desenvolvimento da trama, constituem o que os autores denominam de “aquarela fotográfica”. Tal conceito, além de servir como um método analítico que permite examinar as infinitas relações possíveis entre direção de fotografia e narrativa fílmica, também permite, por meio de uma abordagem multidisciplinar, compreender como o método de referência utilizado por Anthony Dod Mantle se articula com cores e visualidades, já presentes na literatura e nas artes plásticas, para acionar as memórias marítimas encenadas na história do filme.

O artigo *O maneirismo no cinema brasileiro contemporâneo*, de Hermano Callou, retoma um aspecto evocado durante a mesa redonda publicada na primeira edição da *Rebeca* de 2023, a dizer, a existência, por um lado, de filmes contemporâneos com uma estética da parcimônia, e, por outro, de filmes com um artificialismo próprio do que se chamou de maneirismo, muitos deles relacionados ao gênero da ficção científica. É nesse segundo grupo que o autor se concentra, analisando os filmes brasileiros *Branco sai, preto fica* (Adirley Queirós, 2014) - objeto de um dos artigos do corrente dossiê -, *A seita* (André Antônio, 2015), *Brasil S/A* (Marcelo Pedroso, 2014), *Era uma vez Brasília* (Adirley Queirós, 2017) e *Os sonâmbulos* (Tiago Mata Machado, 2018), *Bacurau* (Kléber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019) e *O último trago* (Ricardo Pretti, Luiz Pretti e Pedro Diógenes, 2019). Callou vai às origens do conceito de maneirismo na pintura do século XVI e na sua apropriação por Diderot, que o associou a uma maneira artificial de habitar as convenções, numa exibição de si. Segundo Callou, o maneirismo de tais filmes expressa uma descrença quanto à experiência histórica, perante um contexto de desenvolvimento econômico no Brasil na primeira metade da década de 2010 e das consequências do golpe parlamentar de 2016.

O artigo *Toda Nudez Será Castigada (Arnaldo Jabor, 1972) para além de Nelson Rodrigues: um encontro com O Último Tango em Paris (Bernardo Bertolucci, 1972)*, de Gabriel Marques Fernandes, propõe um diálogo entre dois filmes polêmicos que foram lançados no mesmo ano, a fim de compreendê-los como parte de um processo cultural e histórico, e assim questionar as diferentes formas de representação da humanidade dos sujeitos em cada película. Fernandes, inicialmente, discute os processos de criação de *Toda Nudez*, na relação entre o diretor de cinema e o autor da peça na qual o filme se baseia, e com isso aborda questões em torno da tradução intersemiótica, mas é ao fazer o filme *Toda Nudez* conversar com o *Último Tango* que aspectos do passado são



resgatados e colocados em perspectivas, como parte de um debate mais geral: compreender a experiência humana em culturas diferentes.

Finalmente, o artigo *Mapeamento dos Cinemas Negros Brasileiros Uma análise quantitativa do campo entre os anos 2000 – 2020* remete a um apanhado mais geral como na proposta do já mencionado dossiê da primeira edição da Rebeca de 2023. Além disso, relaciona-se bastante com as estratégias decoloniais do dossiê da corrente edição. No artigo, o autor Márcio Brito Neto faz um mapeamento exploratório, apresentando dados quantitativos dos cinemas realizados por pessoas negras no Brasil nas duas primeiras décadas do século XXI, incluindo orientação sexual, identidade de gênero, faixa etária, escolaridade, renda, local de origem dos(as) cineastas, além do gênero dos filmes e a relação com o impacto de ações reparatórias estatais. Para tanto, o autor utilizou, num primeiro momento, a heteroclassificação, e, num segundo, a autodeclaração das pessoas encontradas a partir de listas de mostras e festivais de cinema no Brasil dedicados a cinemas negros, chegando ao universo de 164 cineastas e observando a sua diversidade dentro dos parâmetros propostos.

Na seção *Fora de Quadro*, há três textos. Dois referentes ao dossiê, um sobre a cineasta Sarah Maldoror e outro sobre o cineasta Ozualdo Candeias, ambos referidos na apresentação das organizadoras convidadas. O terceiro texto é *Um épico de terror no cinema contemporâneo: The Northman (2022) e a construção de atmosfera*, de Luís Guilherme Comar Freza, que coloca em relação textos clássicos de diferentes épocas para refletir sobre a atmosfera de terror criada pelo diretor Robert Eggers em seu filme *The Northman* (2022), ao apresentar o protagonista da narrativa diante do impasse sobre suas decisões: obedecer ao destino, previamente traçado para ele, ou escolher outro caminho. Essas perguntas, que vêm sendo feitas desde tempos antigos, são atualizadas em cada época com as respostas dadas a elas a cada novo tempo e contexto histórico. E o cinema ajuda a perceber essas distâncias ao dialogar com diferentes referências narrativas.

Boa leitura!

Miriam de Souza Rossini – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luiza Alvim – Universidade de São Paulo

Morgana Gama – Universidade Federal da Bahia

Alex Damasceno – Universidade Federal do Pará

Márcio Zanetti Negrini – Universidade de Sorocaba